

PROCESSO DE SEPARAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS ¹

Débora Menezes de Souza²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

O presente estudo buscou investigar o processo de separação-individuação no desenvolvimento psíquico, a partir das teorias da psicanalista Margaret Mahler, Jacques Lacan e outros demais autores contemporâneos. Visando principalmente a análise dos fatores responsáveis pela formação da identidade do sujeito, a teoria da Separação Individuação ganha espaço neste trabalho, devido a sua importância para compreender os marcos do desenvolvimento da criança, subdividido em fases que inicia no estágio autista normal, passa pela simbiose rumo à separação e individuação. O estudo também aborda as consequências psíquicas de falhas nesse processo, com foco na psicose infantil, decorrente de dificuldades na diferenciação do “eu”. Os conceitos de alienação e separação são vistos através dos ensinamentos Lacanianos, discutindo os efeitos dessas dinâmicas no desenvolvimento esperado. Ao integrar essas abordagens, salienta-se fatores constitucionais e ambientais que impactam a constituição psíquica, com ênfase nas interações entre mãe e filho. Além disso, observou-se a relevância das relações sociais.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicose. Sujeito.

SEPARATION PROCESS IN THE CONSTITUTION OF THE INDIVIDUAL AND ITS PSYCHIC CONSEQUENCES

ABSTRACT:

This study sought to investigate the separation-individuation process in psychic development, based on the theories of psychoanalyst Margaret Mahler, Jacques Lacan, and other contemporary authors. Aiming mainly at analyzing the factors responsible for the formation of the subject's identity, the theory of Separation-Individuation gains space in this work, due to its importance in understanding the milestones of the child's development, subdivided into phases that begin in the normal

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 15/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 18/11/2024.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:deborasouza085@icloud.com

³ Mestra em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:reginaprudente@uniacademia.edu.br

autistic stage, go through symbiosis towards separation and individuation. The study also addresses the psychic consequences of failures in this process, focusing on childhood psychosis, resulting from difficulties in differentiating the "self". The concepts of alienation and separation are seen through Lacanian teachings, discussing the effects of these dynamics on expected development. By integrating these approaches, constitutional and environmental factors that impact the psychic constitution are highlighted, with an emphasis on the interactions between mother and child. In addition, the relevance of social relationships was observed.

Keywords: Psychoanalysis. Psychosis. Subject.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise, assim como descrito pelo doutor em psicologia Alexandre Patrício de Almeida em sua obra "Psicanálise de Boteco" (2022), oferece uma importante perspectiva sobre as diversas experiências de separação e suas implicações ao longo da vida humana. Desde os primeiros momentos do desenvolvimento, somos confrontados com instantes de rupturas, começando com a perda do ambiente uterino e continuando com a transição do seio materno que caminham para as incessantes demandas do mundo externo. À medida que o bebê se desenvolve, enfrenta uma série de disjunções progressivas que são possibilitadas pelo processo de separação.

A alienação, embora essencial para a constituição inicial do sujeito, também cria um afastamento de uma identidade própria, uma vez que se constitui através do Outro⁴. A posse do próprio corpo e identidade é um processo relacional, construído a partir da interação desde o início da vida, como quando se busca dar nome ao bebê ainda no ventre. No entanto, Lacan(2000) destaca que aquele que não se permite passar pelo processo de alienação pode ter como consequência a estruturação psicótica.

A separação é um momento crucial, pois é a partir dela que se inicia a diferenciação, onde se reconhece como uma entidade distinta nas relações com os demais indivíduos. Ao sair do estado de fusão, ele percebe que o lugar fálico, como descrito por Lacan, já não lhe pertence; as tentativas de manter-se nessa posição

⁴No campo da psicanálise, o Outro não se refere apenas a outra pessoa, mas à estrutura simbólica que engloba a linguagem, a cultura e as normas sociais que moldam a subjetividade do indivíduo. Essa instância é fundamental para a formação do "Eu", pois é através dela que o sujeito adquire significados e se insere na sociedade (Fink, 2000).

tornam-se insaciáveis, o que provoca uma ferida narcísica ao se deparar com a própria incompletude. Lacan (1995) destaca que esse processo de separação, é essencial para a estruturação psíquica do sujeito. Embora doloroso, esse vazio é fundamental para o estabelecimento de vínculos.

A alienação e a separação, ao trabalharem em conjunto, possibilitam que o sujeito se perceba como desejante⁵ e incapaz de atender plenamente às demandas insaciáveis que outrem impõe. Essa dinâmica reflete a condição humana de estar em constante negociação entre se perder e se encontrar na própria falta (Lacan, 1995).

A teoria da Separação Individuação de Margaret S. Mahler, uma importante figura na psicanálise infantil, fornece uma compreensão detalhada desse processo. Mahler argumenta que o nascimento psicológico do indivíduo é gradual e contínuo, distinto do nascimento biológico, e ocorre ao longo dos primeiros anos de vida. Sua teoria coloca em evidência a importância da Separação-Individuação, que se desenrolam em várias etapas, começando com a fase autística normal onde a criança não percebe nada para além dela mesma, estando imersa no narcisismo primário, seguindo para simbiótica em que adquire aos poucos a noção da figura materna e ali se fundiona. A partir dessa relação, caminha-se para separação e individuação onde irá desenvolver uma identidade própria, tema central em suas observações (Mahler, 1975).

Neste contexto, este estudo se propõe a explorar as influências das dinâmicas envolvidas da relação mãe-bebê na formação do eu e suas consequências psíquicas, com um foco particular na psicose. Buscando analisar quais circunstâncias propiciam para o aumento do desenvolvimento dessa estrutura e como pode interferir, considerando a teoria de Margaret Mahler como um ponto de partida juntos aos conceitos do psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan em alguns instantes a fim de complementar e enriquecer o documento.

2 CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO EM MARGARET MAHLER

Margaret S. Mahler, psicanalista de origem judaica, nasceu em 10 de maio de 1897, na cidade de Sopron, na Hungria. Sua carreira começou no campo da pediatria,

⁵Aquele que busca satisfazer suas necessidades e desejos, sendo caracterizado como uma força motriz que influencia seu comportamento e suas relações (Roudinesco, 1998) .

área em que desenvolveu um profundo interesse pela compreensão das doenças orgânicas, especialmente as que afetam crianças. Esse convívio inicial com questões clínicas de saúde física despertou em Mahler a curiosidade sobre as dimensões psíquicas do desenvolvimento infantil. Movida por esse interesse, decidiu buscar novos caminhos e se mudou para Viena, centro do movimento psicanalítico da época (Mahler, 1975).

Foi em Viena que ingressou na psiquiatria, aproximando-se, progressivamente, da psicanálise, que à época já era influenciada pelas ideias de Sigmund Freud. Seu interesse pela psicoterapia infantil se consolidou, onde se tornou uma das figuras mais importantes no desenvolvimento de teorias sobre o funcionamento psíquico. A psicanálise infantil, na qual se destacou, foi marcada pela centralidade das relações precoces da criança com sua mãe, especialmente no que concerne à formação da identidade e ao desenvolvimento do ego (Mahler, 1993).

A partir de suas observações diretas do comportamento infantil, formulando a teoria do nascimento psicológico, conceito no qual descreve o desenvolvimento emocional como um processo gradual e contínuo, distinto do nascimento biológico. Sua teoria enfatiza a necessidade da criança, inicialmente em uma fase simbiótica com a mãe, separar-se e individualizar-se para formar uma identidade própria. Esse processo é dividido em fases claras, incluindo a fase autística normal, a fase simbiótica e, finalmente, a fase de separação-indivuação, na qual começa a reconhecer a si mesma como uma entidade separada (Mahler, 1975).

Pioneira na teorização sobre a psicose infantil precoce, examinando como falhas na separação e individualização poderiam levar a manifestações psicóticas. Sua abordagem integrou diferentes correntes da psicanálise, como a psicologia do ego e os conceitos de introjeção e projeção da teoria kleiniana, além de dialogar com os conceitos de Donald Winnicott, buscava entender como essas funções psíquicas primordiais influenciavam o desenvolvimento emocional saudável e como a ausência ou falhas nas funções maternas poderiam resultar em patologias, como as psicoses (Mahler, 1993).

Além disso, Mahler foi fundamental na compreensão das relações de objeto e do papel da identificação no desenvolvimento psíquico. Ao longo de sua carreira, estudou profundamente a interação mãe-bebê, demonstrando que a relação simbiótica inicial é essencial para o desenvolvimento emocional. Sua teoria contribuiu

significativamente para o campo da psicoterapia, especialmente no tratamento de crianças com distúrbios graves de personalidade (Mahler, 1993).

Se estabeleceu como uma figura central na psicanálise ao longo do século XX, não apenas por suas inovações teóricas, mas também por suas contribuições clínicas e observações empíricas do comportamento das crianças. Seu trabalho permanece uma referência essencial nos estudos sobre o desenvolvimento infantil e as psicopatologias associadas às falhas nas primeiras relações entre a criança e sua mãe (Mahler, 1993).

A primeira etapa da teoria da Separação Individuação foi denominada como "Fase Autista Normal", recebendo essa nomenclatura por estar vivenciando um estado de ausência de investimento em objetos externos, com o foco principal nos processos fisiológicos nas primeiras semanas de vida. Durante esse período, a função materna é essencial para manter a homeostase do organismo, evitando estímulos externos excessivos. Segundo Winnicott (1956), a preocupação materna primária desempenha um papel crucial nesse momento, onde a mãe, completamente sintonizada com as necessidades básicas da criança, vivencia um estado emocional de intensa conexão, que por sua vez, caso não equilibrado leva à regressão. Nesta fase, o bebê, imerso no narcisismo primário, não distingue entre si e o mundo externo, percebendo-se como provedor de sua própria satisfação no âmbito de sua própria órbita autista onipotente e "incondicional" (Mahler, 1975).

Na sequência, a Fase Simbiótica Normal emerge por volta do segundo mês de vida, marcada pelo início do investimento libidinal em objetos externos, especialmente a mãe, com quem o bebê estabelece uma relação simbiótica. Nesse instante, ainda não há percepção da figura materna como uma entidade separada de si, e sim como uma extensão do seu próprio ser, formando uma "órbita mãe-bebê". À medida que a barreira da fase Autista Normal se dissolve, o bebê começa a catexizar o mundo ao seu redor, e a mãe torna-se o principal investimento afetivo. Nesse momento, observa-se uma consciência difusa. Assim como na fase anterior, é fundamental estar atento ao excesso de tensões e estímulos, já que o aparelho psíquico da criança ainda está em desenvolvimento, o que pode acarretar consequências para a formação do ego e o desenvolvimento psíquico (Mahler, 1975).

Por volta dos sete a oito meses, o bebê tenta tornar-se um só, separado de sua genitora. Nesse período, a curiosidade, associada ao crescimento emocional, se

desenvolve gradualmente, permitindo a descoberta do espaço em que se integra e impulsiona os próximos estágios, enquanto no processo de separação e individuação, momento que se complementam, embora não se sobreponha, a separação registra a saída da fusão simbiótica, enquanto a individuação representa o instante em que a criança assume sua própria identidade e adquire uma autonomia potencial. O bebê passa a ser o responsável pelo início dessa fase, ao mesmo tempo em que necessita da disponibilidade emocional materna (Mahler, 1975). O ambiente participa fornecendo as funções cognitivas que o espaço pode proporcionar. Nesse contexto, Winnicott (2002) destaca a importância da aquisição da capacidade da criança de estar só na presença do outro, uma habilidade fundamental para o desenvolvimento saudável do ego. Essa capacidade de se sentir seguro e autônomo na presença do cuidador contribuem para o processo, permitindo que se explore o mundo ao seu redor enquanto mantém um vínculo com a figura materna.

Mahler (1975) subdividiu o processo de separação-individuação em quatro subfases: Diferenciação, Subfase de Treinamento, Reaproximação e Consolidação. A Diferenciação então, conforme descrito por ela, são assinalados os primeiros indícios de reconhecimento, manifestando-se a partir da observação de sorrisos distintos e comportamentos que começam a se refletir. A atenção da criança passa a abranger novas perspectivas além da fusão com a mãe e o bebê, iniciando ainda na fase simbiótica, por volta do quarto ou quinto mês. Também designado como "desabrochamento", aguça os sentidos do sistema perceptivo-consciente. Entre os 10 e 15 meses, a curiosidade se intensifica, impulsionando-a cada vez mais na direção da separação (Mahler, 1975). Esse momento de voltar-se para fora ocorre em detrimento das experiências vivenciadas durante a relação simbiótica com uma "mãe suficientemente boa", conceito destacado por Winnicott:

A mãe suficientemente boa, na fase inicial, adapta-se ativamente quase completamente às necessidades do seu bebê. Com o passar do tempo, porém, ela vai, de forma gradual, ajustando menos perfeitamente suas respostas, à medida que o bebê se torna mais capaz de tolerar pequenas falhas em sua adaptação. Essa falha progressiva da adaptação materna permite que o bebê experiencie frustrações de maneira manejável, facilitando o processo de separação e individuação. O resultado é que o bebê passa da dependência absoluta para a dependência relativa, e depois para a independência (Winnicott, 1965, p. 150)

Seguindo essa progressão, Mahler (1975) descreve a Subfase de Treinamento, que se sobrepõe à fase anterior e ocorre entre os 8 e 10 meses,

prolongando-se até os 15 a 18 meses. Nesse período, o desenvolvimento das funções motoras permite à criança testar suas possibilidades de afastamento da mãe, mas sem perder a segurança de sua presença, demonstrando o início de uma maior autonomia, embora ainda dentro de um contexto de dependência relativa. Desenvolvendo a capacidade de estar só na presença do outro, aceitando outros integrantes além da genitora. A mãe integra esse âmbito, demonstrando disponibilidade quando necessário e compreendendo os chamados rudimentares da criança, Mahler exemplifica da seguinte forma:

Em outras palavras, a atenção do bebê, que durante os primeiros meses de simbiose era em grande parte dirigida para dentro ou focada de um modo cinestésico vago dentro da órbita simbiótica, gradualmente se expande através do surgimento da atividade perceptiva dirigida para fora durante os crescentes períodos de vigília. Trata-se mais de uma mudança em grau do que em espécie, pois durante o estágio simbiótico a criança certamente já era bastante atenta à figura materna. Gradualmente, porém, essa atenção combina-se com um estoque crescente de memórias das idas e vindas da mãe, de experiências “boas” e “más”, cujo alívio não vinha do eu, mas podia ser “confiantemente esperado” pela mãe (Mahler, 1975, p.73-74).

Mahler (1975) adiciona também a subfase de reaproximação, que começa por volta dos 15 meses e se estende até os 24 meses. Durante esse período, a criança, ao mesmo tempo que explora sua independência, experimenta momentos de angústia ao perceber a separação da mãe, o que pode gerar "retrocessos" autonomia. Embora o processo de individuação ainda não esteja completo, a criança começa a se desenvolver mais como um ser separado, mas dependente da reafirmação da presença materna para se sentir segura. Esse estágio também está associado ao narcisismo secundário, descrito por Freud (1914), em que a criança redireciona seu investimento libidinal para si mesma, após a perda da identificação com o ambiente materno como uma extensão de si mesma. Winnicott (2002) descreve essa angústia como um estado de transição entre a dependência absoluta e a independência relativa, marcado pela incerteza e pela necessidade de encontrar um equilíbrio entre o self e o mundo externo. Durante essa fase, a criança demonstra habilidades motoras e cognitivas crescentes, como a locomoção na postura vertical e o uso de esquemas representativos, além de um maior interesse social. A ausência materna passa a causar ansiedade, e a presença da mãe é requisitada para compartilhar suas descobertas e aliviar suas inseguranças. A linguagem emerge como uma ferramenta essencial de reaproximação (Mahler, 1975).

Enquanto na última subfase de Mahler (1975), que ocorre entre os 22 e 36 meses, regida pela consolidação de importantes funções psicológicas, a comunicação verbal passa a substituir a primitiva, embora ainda persista a expressão corporal e afetivo-motora. Gradualmente, se separa da mãe à medida que as funções egóicas estabelecem a constância do objeto, demonstrando interesse no mundo adulto e começando a compreender melhor o tempo e a tolerar frustrações. Nesse processo, visam-se duas metas principais: desenvolver uma identidade definida e alcançar a constância do objeto materno. Desenvolvendo a integração de pulsões agressivas e amorosas, permitindo que a criança estabeleça um equilíbrio entre esses sentimentos (Mahler, 1975).

3 CONCEITO DE ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

Compreender os conceitos de alienação e separação é essencial para a análise deste documento, que explora o desenvolvimento infantil e suas implicações psíquicas. Baseado na teoria do psicanalista Jacques Lacan, esses processos não seguem uma ordem cronológica mas que se complementam (Fink, 2000). A alienação estabelece a base da identidade a partir das significações impostas pelo Outro, uma instância simbólica que representa a sociedade e a cultura, enquanto a separação permite que o sujeito reconheça a "falta" inerente a essa relação. Esse reconhecimento da falta é o que impulsiona a busca por um desejo autêntico e individual, fora das demandas desse Grande Outro (Roudinesco, 1998).

Jacques Lacan, psicanalista francês, tornou-se uma figura central na psicanálise no século XX, trazendo inovações teóricas significativas e ampliando a compreensão dos processos inconscientes. Ele argumentava que a subjetividade humana se estrutura em torno da linguagem e das relações simbólicas com o Outro, que é fundamental na constituição da identidade. Além disso, revisitou os conceitos freudianos de alienação e separação, mostrando como ambos são momentos críticos no desenvolvimento psíquico (Quinet, 1991).

O conceito de alienação sob a perspectiva de Marco Antonio Coutinho Jorge, psicanalista brasileiro, é visto como um momento inaugural na vida psíquica, no qual o sujeito se constitui em sua relação. A criança, ao integrar-se ao mundo simbólico, perde algo de sua autenticidade, alienando-se ao desejo⁶ do Outro. Contudo, é

⁶ O conceito de desejo, aqui, refere-se ao movimento contínuo de busca por algo além do que o Outro oferece, revelando a própria insuficiência das demandas que o sujeito enfrenta (Roudinesco, 1998)
CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 12, p.468-483, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483.

justamente nesse processo que a identidade começa a se formar, mediada pelas significações culturais e simbólicas (Jorge, 2008).

Mahler (1975) não utiliza o termo alienação em suas obras, mas descreve um conceito semelhante, que neste caso é o estágio simbiótico do desenvolvimento infantil. Uma vez que nesse período, que se estende aproximadamente entre o primeiro ao quinto mês, a criança vive uma fusão com a mãe, experimentando uma sensação de unidade e uma falta de distinção clara entre seu eu e o indivíduo. Essa fase é essencial para a formação inicial da identidade, pois as fronteiras entre o eu e o ambiente ainda são indistintas, assim como referenciado por Lacan no conceito de Alienação (Jorge, 2008).

Por outro lado, a separação, é o segundo momento fundamental na constituição do sujeito. Enquanto a alienação diz respeito à identificação do sujeito com o desejo do Outro, a separação ocorre quando se percebe que há uma falta, ou seja, aquele em que se baseia não é completo e não possui todas as respostas para os seus desejos. Esse reconhecimento gera uma nova dinâmica, onde se distancia, confrontando sua própria insuficiência mas que por sua vez o instiga a buscar seus próprios objetos de investimento libidinal. A separação permite compreender que existe uma falta estrutural, tanto nele quanto no Outro, o que abre espaço para a busca por um desejo autêntico, embora este nunca seja plenamente satisfeito (Jorge, 2008).

Ainda embasado em Lacan, conclui-se, que o estudo dos conceitos de alienação e separação proporciona uma compreensão sobre o desenvolvimento e a constituição do sujeito. Tais processos não apenas revelam como o ser se insere no campo simbólico⁷, sendo inicialmente marcada pelo desejo, mas também como gradualmente se diferencia ao reconhecer a falta que caracteriza esse deslocamento rumo à independência. Essa dinâmica evidencia que a subjetividade é uma construção contínua e dialética, em que o mesmo, entrelaçado pelas demandas sociais e suas próprias aspirações, busca um equilíbrio entre dependência e autonomia. A partir desse olhar lacaniano, é possível emergir no complexo campo da formação da identidade que visa a construção da singularidade, o que ressalta a importância de intervenções que favoreçam um ambiente propício para alcançar com triunfo ambas as etapas (Jorge, 2008).

⁷ O campo simbólico refere-se ao conjunto mais amplo de significados e representações que circulam em uma cultura ou sociedade. Ele inclui as normas, valores e simbolismos que moldam as interações e as experiências das pessoas dentro de um determinado contexto social (Roudinesco, 1998).

Ao avançar na análise do desenvolvimento psíquico, torna-se relevante discutir as consequências que a falha nesses processos podem gerar, destacando-se aqui a psicose. Para Lacan, a psicose é consequência de uma falha estrutural na inscrição do Nome-do-Pai⁸ no inconsciente (Roudinesco, 1998). Diferente da neurose, na qual há uma negociação com a lei simbólica, o sujeito psicótico encontra-se incapaz de reconhecer a interdição que organiza o desejo. Assim, os processos de alienação e separação, quando comprometidos, podem desencadear consequências psíquicas (Jorge, 2008).

4 CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS

A psicose, segundo a teoria de Lacan, pode ser compreendida como uma condição que emerge quando o sujeito enfrenta percalços no processo de separação, incapaz de ocupar a posição simbólica que permitiria sua representação pelo significante⁹. Essa falha impede a aceitação da estrutura simbólica¹⁰ necessária para a inserção no mundo da linguagem, resultando em uma ruptura entre o sujeito e o universo simbólico. A seguinte passagem ilustra a afirmação dita anteriormente "[...] a sombra do objeto recai sobre o Eu" (Cosac; Naify, 2012), evidenciando a dificuldade de integração entre o sujeito e o mundo simbólico (Fink, 2000).

No Esquema L, elaborado por Lacan para representar a relação entre o sujeito e o Outro, a psicose se caracteriza pela fixação no registro do imaginário¹¹ (a-a'), dificultando a transição para o simbólico (Jorge, 2008). Na psicose, o processo de

⁸ Função simbólica exercida pela figura paterna introduz a lei, permitindo que o sujeito adentre a ordem social e simbólica. Essa função transcende o pai biológico, englobando a autoridade que limita o desejo materno e estabelece a separação necessária para a constituição da identidade e da subjetividade do sujeito (Roudinesco, 1998).

⁹ Elemento material da linguagem, seja sonoro ou gráfico, que representa um significado. Esse elemento não remete apenas a um objeto ou ideia, mas também carrega uma carga simbólica que impacta o desejo e a subjetividade do sujeito. O significado é fundamental na formação do sentido e na estruturação do inconsciente, podendo deslocar-se e gerar novos significados, influenciando as relações dos indivíduos com suas experiências e o mundo (Roudinesco, 1998).

¹⁰ A estrutura simbólica refere-se à organização e às regras que governam a relação entre os significativos e os significados dentro de um sistema, como a linguagem. Essa estrutura é fundamental para a formação da subjetividade e da identidade, pois estabelece como os indivíduos interpretam e se inserem na realidade social (Roudinesco, 1998).

¹¹ A fixação no registro do imaginário refere-se à tendência de um indivíduo de permanecer preso a representações idealizadas e fantasiosas, em vez de confrontar a realidade. Essa fixação pode resultar em dificuldades emocionais e relacionais, levando à busca por validação externa e resistência à aceitação de regras (Roudinesco, 1998).

castração¹² representado pela inserção das regras, que possibilita ao sujeito sua plena integração na estrutura da linguagem e a aceitação da ordem imposta pela sociedade, não ocorre adequadamente. Essa falha resulta na impossibilidade de utilizar a linguagem como ferramenta de metáfora para elaborar experiências e conflitos internos. Dessa forma, sem a mediação do simbólico, o sujeito psicótico recorre a construções imaginárias ou a delírios como uma maneira de lidar com sua realidade psíquica ou estabilizar-se, ademais, sofrimentos são corporais mais evidentes justamente por não possuírem a linguagem como instrumento que por sua vez recorre a uma via mais concreta da fala (Fink, 2000).

Margaret Mahler propôs que as psicoses infantis representam distorções patológicas de estágios normais do desenvolvimento do ego, que têm suas bases nas primeiras interações entre a criança e sua mãe. Ela sugere que as patologias precoces impedem o desenvolvimento saudável do sujeito, impactando a capacidade de integração intrapsíquica (Mahler, 1983). No caso da psicose infantil, destaca que a relação simbiótica com a figura materna, frequentemente se encontra gravemente alterada ou ausente, comprometendo o desenvolvimento da função materna e, conseqüentemente, a formação de uma representação interna dessa figura. Essa falha resulta em dificuldades para a diferenciação, essencial para o desenvolvimento psíquico normal, levando ao comprometimento da identidade, que se manifesta clinicamente na percepção corporal e do mundo ao redor. O tipo de psicose, segundo Mahler, depende do estágio do desenvolvimento (Mahler, 1972).

Quanto às origens das psicoses, Mahler evidenciou fatores constitucionais, sejam de ordem orgânica, ambiental ou educacional. Essas incapacidades puderam ser herdadas ou adquiridas nos primeiros dias ou semanas de vida, sugerindo, assim, uma predisposição inata ou precoce (Mahler, 1972). Além disso, observou-se que diversas perturbações afetam tanto a criança quanto a mãe, sem que houvesse, necessariamente, uma perda real do objeto (Mahler, 1983).

Ribeiro (2018), descreve que a psicose simbiótica se relaciona à fase de simbiose do desenvolvimento psíquico, uma etapa em que o bebê vivencia uma intensa relação com a mãe, essencial para a manutenção de sua vida devido à sua

¹² A castração é um conceito que simboliza a perda ou limitação do desejo, sendo crucial para a formação da subjetividade. Essa noção não se refere apenas à perda física, mas, de maneira mais ampla, à imposição de limites que moldam a identidade e a dinâmica familiar. Esses limites permitem ao sujeito integrar-se na cultura e lidar com suas frustrações (Roudinesco, 1998).

prematividade orgânica. Durante esse instante, o bebê começa a perceber tanto o interior do próprio corpo quanto o corpo da mãe, formando gradualmente uma imagem parcial da genitora, o que é crucial para o desenvolvimento da capacidade de separação e individuação. Caso a relação simbiótica não se desenvolva de forma adequada, pode apresentar dificuldades em reconhecer a realidade interna e externa, o que caracteriza a psicose simbiótica, onde a diferenciação entre o self e a figura materna é comprometida, levando a um estado de alienação da realidade, propõe Ribeiro referindo a Mahler (Ribeiro, 2018). Como mecanismo de defesa contra o temor de perder sua identidade, podem recorrer ao autismo, e o rompimento com a realidade psicótica reflete uma fuga do mundo objetal e libidinal humano (Mahler, 1983).

Outra patologia citada pela autora é a psicose autística, segundo o livro "O autismo", dirigido pela Letra Freudiana (1995), ao trabalhar Mahler, essa seria uma das psicoses mais severas, que acontece quando não se consegue superar a fase inicial de autismo normal, uma etapa natural nas primeiras semanas de vida. Nesse período, o bebê encontra-se imerso em seus próprios processos internos, sem uma percepção clara do mundo externo. A função materna é essencial para regular os estímulos e garantir que o desenvolvimento siga seu curso. No entanto, se o ego permanecer indiferenciado, rudimentar ou deficiente, a criança não irá reconhecer a mãe como alguém diferente dela, resultando no quadro conhecido como psicose autística (Mahler, 1975).

Segundo Mahler (1983), na psicose autística, a criança apresenta uma incapacidade de investir emocionalmente no mundo externo. Não se estabelece uma relação simbiótica saudável com a figura materna, prejudicando a formação de uma identidade. Em vez de interagir com o meio, se retira para um estado interno, desinvestindo da figura materna e de outros objetos ao seu redor. "O desenvolvimento do ego permanece comprometido, e o outro é percebido como um objeto inanimado, sem investimento libidinal" (Mahler, 1983, p. 45). Esse desinvestimento leva a uma ausência de representações internas claras, o que impacta a capacidade de interagir socialmente e de reconhecer o outro como separado de si. A criança, torna-se incapaz de avançar para as demais fases, se mantém em um estado de isolamento psíquico profundo, "O autismo é uma defesa extrema contra o medo da perda de identidade; ao permanecer no estado autístico, o sujeito evita enfrentar a separação e o

sofrimento que ela implica" (Mahler, 1983, p. 72). Ainda imerso na teoria de Mahler, Ribeiro distingue o significado do termo autista empregado:

"[...] Mahler não usou o termo autístico se referindo à patologia do autismo, tal qual a psiquiatria atual considera, pois, na época das teorizações da autora, o autismo não havia sido ainda descrito como um funcionamento específico. Mahler referiu-se a um momento da vida do bebê, em que os estímulos internos são mais perceptíveis do que os estímulos externos. Dessa forma, a energia libidinal estaria direcionada para os eventos que ocorrem dentro do organismo da criança, sendo, posteriormente, no final da fase autística normal, direcionados à periferia. Assim, a psicose autística seria um modo de funcionar do aparelho psíquico em que as defesas estariam concentradas nesta fase."(Ribeiro, 2018, p. 108)

O psicanalista francês Jacques Lacan, reforça que há um sujeito no autismo, uma vez que ao observar, percebeu-se que uma criança autista diante de um outro intrusivo reconhece a presença e se defende podendo reagir de maneira específica, tendendo a se "fechar". Esse comportamento está relacionado a dificuldades no espelhamento, um processo essencial para o desenvolvimento psíquico. Em vez de buscar reconexão, como é típico em estágios normais de desenvolvimento, pode apresentar uma ausência de resposta aos olhares que buscam ligações (Lacan, 1966).

Trazendo para os tempos atuais, o termo "autista" ganha novas perspectivas, sendo referenciado no campo da saúde mental como um transtorno, conforme evidenciado pela classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Código Internacional de Doenças (CID). Essa mudança de terminologia indica um movimento importante na compreensão do autismo, que deve ser visto não como uma doença, mas como um estado psíquico que pode se manifestar de diversas formas, dependendo das especificidades de cada indivíduo e que pode acometer qualquer sujeito independentemente da estrutura psíquica.

Se faz necessário então enfatizar que, segundo a literatura, não há marcadores biológicos específicos que caracterizem os transtornos mentais, incluindo o autismo. Essa ausência de uma base biológica única sugere que o autismo deve ser compreendido em um contexto mais amplo, onde a constituição do "eu" é impactada por fatores emocionais, sociais e ambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explorar os processos que levam a constituição do sujeito a partir da teoria da Separação Individuação de Margaret Mahler, complementadas pelos conceitos de alienação e separação de Jacques Lacan, com foco principal nos primeiros meses de vida de uma criança, encontra-se em um estado de fusão simbiótica com a mãe, imerso no narcisismo primário onde não há uma distinção clara entre o eu e o outro, muito menos investimento libidinal para além do seu próprio corpo. Nesse contexto, a barreira que impedia o reconhecimento de outros objetos vai se decompondo, a figura materna que oferece segurança e contenção, se funde a criança que ainda caminha para construção de um self.

Conforme se desenvolve, o processo de separação-indivuação torna-se fundamental para que haja uma distinção como alguém separado e autônomo. Este movimento é gradual e permite que o sujeito desenvolva uma noção de si próprio. Contudo, torna-se importante salientar que este processo não ocorre de forma linear ou sem desafios. A separação, ao mesmo tempo que é necessária para a construção de uma identidade própria, pode gerar angústia e insegurança, uma vez que o sujeito precisa lidar com a perda da fusão simbiótica e a percepção de que o outro é, de fato, um sujeito separado. É nessa transição que muitas das dinâmicas psíquicas se estabelecem, e eventualmente falhas nesse percurso podem resultar em consequências significativas para o desenvolvimento. A compreensão desses processos é fundamental para avaliar o desenvolvimento infantil e suas possíveis perturbações, como as psicoses ou o autismo patológico, que podem surgir como resultado de interrupções ou falhas em alguma das fases expostas.

Conclui-se então, a importância de compreender as dinâmicas psíquicas envolvidas no processo de separação e individuação. A teoria de Mahler oferece uma estrutura sólida para essa compreensão, destacando as fases do desenvolvimento emocional com foco principal nas consequências voltadas para psicoses infantis. Ademais, chama-se atenção para as considerações feitas para época com que foi desenvolvida resultando a necessidade de buscar olhares que aprimorem a teoria e se adequam para os tempos atuais, uma vez que novas concepções foram desenvolvidas e pontos de vista foram acrescentados. Ao explorar esses processos visando tais considerações, é possível não apenas entender melhor a formação do sujeito, mas também identificar estratégias terapêuticas eficazes para lidar com os

quadros psicopatológicos relacionados a essas dinâmicas, essencial para todos que atuam na área da saúde.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P. **Psicanálise de Boteco**. São Paulo: Paidós, 2022.
- FINK, B. **O Sujeito Lacaniano entre a Linguagem e o Gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- JORGE, M.A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- Lacan, J. **O Seminário, Livro 4: A Relação de Objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LETRA FREUDIANA: **Escola, psicanálise e transmissão do autismo**. São Paulo: RevinteR Ltda, 1995.
- MAHLER, M. S. **As psicoses infantis e outros estudos**. Porto Alegre Artes Médicas Sul Ltda, 1983.
- MAHLER, M. S. **O Nascimento Psicológico da Criança: Simbiose e Individuação**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- MAHLER, M. S. **O processo de separação-individuação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MAHLER, M. S. **Simbioses Humanas: Las Vicissitudes de la Individuación**. México: Joaquim Mortiz, 1972.
- PHILLIPS, A. **Winnicott**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- QUINET, Antonio. **Lacan e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- RIBEIRO, A. C. P. **Das crises do desenvolvimento à patologia da psicose na primeira infância: revisando a teoria de Margaret Mahler**. Revista Brasileira de Psicoterapia, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 122-136, 2018.
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6799> Disponível em: Acesso em 28 mar 2024.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Organização Mundial da Saúde. Classificação **Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde Relacionados**. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/en>. Acesso em: 29 de setembro de 2024.

Organização Mundial da Saúde. **Transtornos do espectro autista**. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders> . Acesso em: 29 de setembro de 2024.

WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. Rio de Janeiro: Imago, 1965.